

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 416

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 4 DE NOVEMBRO

A eleição da camara.

Detestamos a intriga, e temos o maior respeito pela verdade. Não nos movem ambições pessoais, e apenas obedecemos aos dictames da justiça. A nossa causa e o nosso programma podem resumir-se nestas duas palavras—Deus e Patria.

Por isso entramos sempre de viseira levantada e animo tranquillo em todas as pugnas a que o dever nos chama. Respostamos os adversarios, mas não desceremos, nem desceremos nunca, a confundir os nossos principios com os seus erros.

Trata-se de eleger 7 vereadores para gerirem os negocios do municipio bracarense, e na escolha d'esta lista não podemos deixar de ter presentes as considerações precedentes. Não pertencemos, graças a Deus, ao partido chamado liberal; mas conhecemos no seu gremio cavalheiros muito dignos de representar o municipio, pela sua illustração, honradez, e temor de Deus. Com estes e outros cidadãos do nosso partido poderia formar-se uma lista na altura das circunstancias e a contento de todos.

Mas uma lista, como a que nos apresentou o jornal historico e que a custo sahira dos laboratorios da magna commissão, não pôde satisfazer a expectativa publica, nem corresponde á lealdade e boa fé dos que n'ella confiaram.

Não. Os que não são d'esta cidade ou concelho, nem tem n'elle casa nem bens, não podem representar com verdadeiro zelo, com amor de filhos, este importante municipio.

Não. Os que foram a Lisboa dar votos de louvor ao auctor dos Lazaristas, não podem merecer a confiança d'este povo catholico. E os que n'esta cidade se empenharam para que tão bojeanta e calumniosa peça não fosse representada no aniversario de Pio IX, os que, por serem catholicos, se escandalisaram com tal insulto e achincalho ao venerando chefe da Igreja, não podem ajuntar-se na mesma corporação com os auctores e promotores de tal insulto e achincalho.

O povo d'esta cidade merecia ser tratado com mais attenção e respeito. A lista da futura camara deveria ser composta de outro modo, mais conforme com a opinião e crenças populares.

Respeitamos todas as opiniões, porque desejamos que tambem respeitem a nossa; mas não podemos confundir crenças, nem esquecer injurias: como catholicos devemos perdoar; mas não podemos esquecer.

Desejamos que a futura camara d'esta cidade seja composta de cavalheiros, que representem a verdadeira opinião publica, sem offensa das purissimas crenças catholicas e do respeito devido ao Vigario de Jesus Christo.

Parece-nos excellente a lista que a pedido de um amigo publicámos ante-hontem; mas como abundam n'esta cidade pessoas dignas do cargo edil, muitas outras combinações podem fazer-se e por ventura mais do agrado publico. Não temos empenho partidario, e só desejamos boa escolha.

Por estas rasões offerecemos á consideração dos eleitores uma nova lista, combinada entre amigos valiosos, desinteressados e independentes. O publico avaliará e escolherá como fôr de seu agrado.

Eis a lista.

Antonio Roberto d'Araujo Queiroz.
Antonio Brandão Pereira.
Antonio Bernardino Pinto de Madureira.
Domingos José Soares.
Estevão da Costa Ribeiro da Cruz.
João de Paiva Faria Leite Brandão.
José Joaquim d'Araujo Correia.

Correspondencia estrangeira

(A' redacção do «Commercio do Minho»)

Londres, 22 d'outubro de 1875.

¿Ainda essa fútrica infame, que por graça das suas mentiras e da Quadrupla Alliança (e mais ainda dos erros e despropósitos, e incapacidades de governo legitimo), lá se encaixou, para cobrir o reino de atrocidades, não se cansa de escarnecer o Portugal verdadeiro—o povo portuguez?!
Um amigo, estrangeiro, veio aqui hoje, trazendo um papel illustrado mui fazonavel, ou de alto tom, que aqui se publica, intitulado «The Graphic («O Graphico», ou «Desenhador e descriptor»), e n'elle vem uma representação do lançar ao mar dois navios de guerra a vapor, para o governo portuguez, aos quaes poseeram nomes, que supponho suggeridos pela cerimonia (a paz absurda—porque tambem aqui ha muito d'isso) de quebrar uma garrafa de vinho nos focinhos do novo fluctuante.

¿Pois poderá alguém, com senso commum, approvar (salvo como eu o approvo, por ser uma asneira d'essa cambada que lá se encaixou), que no fim de 41 annos de dominação usurpada, isto é, imposta por força injusta, á nação portuguesa, ainda essa fútrica anti-nacional venha mais uma vez cuspir allrontas na face de um povo honrado e ou'ora respeitado?!
O vir ainda agora assoalhar-nos—e á nossa custa (que uma grande parte das opulencias com que se pagam esses epigrammas, ou insultos, vem do roubo feito á nação), o nome da «praia dos ladrões», do Mindello infame, para que, assim, mais deshonrada ainda, a bandeira maçonica vá, em companhia de tal nome, faser nojo aos mares que souberam respeitar o verdadeiro pavilhão portuguez, é mais que infamia, porque é tambem tolice.

A outra pachuchada, de baptisarem (com vinho) o outro barco, pondo-lhe o nome da linha do excommungado que lá está agora mesmo em Milão a rojar-se aos pés do procurador de Bismark, é uma adulação rasteira, e indigna do verdadeiro espirito portuguez. ¿Vejam, se no tempo em que Portugal foi Portugal, acham um navio, um calambaque mesmo qualquer, com o nome de nossos reis ou principes? A nau «Rainha» já é cousa moderna, já foi imitação, macaquice inglesa. Maior e mais indigna baixesa, adulação «liberal» ridicula foi ainda, mudar o nome á pobre nau, que quasi creou raises no estaleiro (tanto tempo lá esteve) com o nome de «Santo Antonio», para de lá ser arrastada afinal com o do rei que levou para o Brazil uma esquadra excellente e respeitavel, para lá ir «apodrecer nas lamas»—como me disse o honrado arcebispo e portuguez, Antonio José Ferreira, quando de lá voltou, da viagem e missão impostora a que foi mandado com o duque de Lafões, para ter a nação tranquilla, em quanto o imperador pedreiro e o seu chalaça preparavam a «Carta».

A nossa liberalada porém, que em tudo é plagiaria e servil, alem de anti-nacional, hade manifestar em tudo sua natureza macaca, e almejar continuamente pelo que não seja portuguez; e o peor de tudo é, que só de fóra escolhe e sabe arremedar o mau. ¿Vejam se quiz imitar os iogleses em ter representantes independentes e decentes! Nem ao snr. bispo de Viseu perdoaram, bem que fosse da sua communidade, o querer acrescentar esse migalho de decencia á patuscada excellentissima!—isto é ridiculissimo!
Bastará por hoje.

A. R. SARAIVA.)

Idem 23.

P. S. Á MINHA CARTA DE HONTEM.

Ao vêr hontem o *Graphico*, que o meu amigo por acaso trasia, olhei só para as illustrações ou estampas, e nem me occorreu no momento, que o papel havia de trazer tambem algum pedaço de texto, referindo-se á estampa. Mandei agora comprar o numero para examinal-o á minha vontade, e com effeito não me enganei na minha conjectura; lá vem a descripção da festança, e portanto, vou aqui traduzil-a fielmente; se ao mesmo tempo me occorreu alguma reflexão de commentario, acrescental-a-hei, para melhor intelligencia e apreciação do assumpto.

Diz o *Graphico*:

«Duas corvetas portuguezas lançadas ao mar

«A occorrença pouco usual de lançar no mesmo dia dois navios ao mar, effectuou-se felizmente no sabbado (16 do corrente) no Estaleiro dos snrs. Green, em Black woll. Os dois navios, que tomaram o nome de «Rainha de Portugal», e «Mindello», sendo ambos corvetas compostas, que a firma construiu para o governo Portuguez» [Salva tal logar!] «São dois navios irmãos, cada um de 180 pés de comprimento, 36 de largo, e 16 e 6 polegadas de fundo de porão. São construidos pelo sistema *composito* (ou mixto), e são, com mui pouca differença, semelhantes ao novo «Cormorant», na classe das corvetas em nossa marinha. Os engenhos estão-se construindo nas officinas dos snrs. João Peom & Filhos, de Greenwiche, e terão força de 100 cavallos dada um.

A's duas horas menos vinte minutos exactamente a *Duquesa* de Saldanha des-cuidou a lanvanca que soltou o mecanismo por onde se tiraram as escoras, e atirando e quebrando uma garrafa de vinho do Porto contra a proa (ou narizes) da «Rainha» de Portugal, baptizou com o nome a embarcação (baptismo de vinho não podia deixar de ser bebado) desajando-lhe boa fortuna. Lady Santorius fez igual cerimonia á proa do «Mindello». Ambos os navios entraram bellamente na agua, ao som da musica de bandas militares e dos applausos dos espectadores. Uma duzentas pessoas, cavalheiros e senhoras, assistiram a um *lunche* dado pelos snrs. Green; bebendo-se então á saude da Rainha e da Real Familia, e da «Rainha» de Portugal. Seguiram-se outras numerosas saudes, durante as quaes a satisfação que os snrs. Green tinham sempre dado ao Governo Portuguez foi devidamente testemunhada pelos representantes do mesmo Governo. Os principaes oradores foram Mr. Henrique Green, que presidia, Mr. José Green, o Almirante Sir Jorge Santorius, o Visconde Duprat o Almirante Sir W. Mendes, o cavalheiro Ricci, o capitão Testa, o capitão Pryce, e outros. Ha cousa de dois mezes estes navios foram inspecionados por S. A. R. o Principe Coimbra (sic), «o irmão do actual Rei de Portugal» (ou de copas).

Ora ahí teem o brodio á custa de Portugal, que assim vem metter grandes sommas no bolso dos ingletzes, dos quaes uma grande parte pelo meos, se não estou muito enganado, devia ir para as algibeiras ou familias dos constructores portuguezes. Creio se poderiam encontrar lá capazes de construir duas fragatas (se fossem precisas—do que tenho minhas duvidas); pois é innegavel que os nossos constructores navaes sabiam do seu officio como gente; as «linhas» ou planos de nossas embarcações eram admiradas e imitadas pelos iogleses; a nau «Rainha», a fragata «Perola» são d'isso exemplo; e a respeito de outro nosso navio de guer-

ra, e da habilidade dos nossos constructores, eis aqui testemunho competente e nada suspeito, de um antigo official da Marinha inglesa—um verdadeiro e genuino *John Bull*:

Entrava eu no nosso Tejo pela manhã de um bello dia no principio de junho, de 1831, quando a esquadra d'aquelle infame Luiz Filippe (padrinho do actual da Ajuda) nos tinha ido roubar a ossa; e esta se achava nas mãos dos francezes que a tinham tomado sem a minima cerimonia. Iamos subindo o rio um pouco abaixo de Carilhas, onde estava ancorada a nossa fragata «Diana», já nas unhas francezas—graças á perfidia da Inglaterra e á imbecilidade do nosso governo, como á pouca vergonha do Filippino.

O «Malborough», navio ioglez de guerra em que eu ia d'aqui, quasi roçou pela «Diana» ao passarmol-a; e o capitão Porteus (parece-me que era o nome), que comigo e com a tripulação do navio ia olhando de mão ôlha a vaidade com que os francezes andavam com chalupas passeando pelo Tejo, com bandeiras *tricolores* de grandesa ridiculamente desmedida, vem a mim, ao momento de passarmos a «Diana», e em seu tom brusco e um tanto carrancudo, me disse estas palavras, que nunca me esqueceram—e que, talvez, a não ser a irritação anti-francesa do momento, nunca me houvera proferido:—
«Do you see that boat? (a Diana) There is no finer ship sevisuming ou the ocean.» (¿Vê aquelle navio (a Diana)? Pois não fluctua no mar embarcação mais perfeita!) E não se mandaram, creio eu, buscar a Inglaterra constructores e artifices para o nosso arsenal.

¿Mas querem testemunho de uma das maiores auctoridades navaes d'este seculo?... O justamente celebre lord Dundonald (o lord Coehraue da Grecia, do Peru, do Chile, do Brazil), quando aqui veio, por mezes, á esta mesma sala, passando aqui horas e horas, conversando comigo, enquanto eu lhe ajudava a fazer e traduzia em portuguez o seu livro, e os muitos papeis que teve que escrever, até que, por minha intervenção em grande parte, conseguia fazer-lhe o Brazil alguma justiça (pagando-lhe 140,000—devido-lhe muito mais), frequentemente me encarecia a construção dos nossos navios, tanto de guerra como mercantes. Dos primeiros dizia em geral, que eram da mais bella, commoda, solida e perfeita construção; e sobre tudo, exemplificando isso com a sua «Dom Pedro», que fóra a nossa «Martim de Freitas», condemnada a final pelo infame

Renegado e pedreiro
Que desfeiz o Rocio,
Fincado no tockeiro
Ao vento, á chuva, ao frio.

Dizia que era um navio o mais excellent e bem construido, com as mais bellas, mais espaçosas, mais commodas, mais judiciosas accomodações de toda especie; e não se cansava de elogiar a construção da nossa marinha de guerra.

Quanto á mercante, fallava dos nossos navios da carreira do Brazil (de que tomou tantos) com a maior admiração e vantagem. Dizia-me:—«Eram verdadeiras, bellissimas fragatas, de optima e solida construção e madeiras e fórmã, immensa accomodação, muito veleiras, etc.—A' vista de tudo isto, e de muito mais que ainda podera dizer sobre o caso; não me ha de, como PORTUGUEZ verdadeiro, ferver o sangue, ao vêr Portugal tornado de gigante em anão por toda essa liberangada sem vergonha, sem honra, sem patriotismo?!...»

Eis ahí que dá meia noite; nenhuma tenção tinha de estender esta lavoura, mas chega-me zanga tal, ao contemplar tanta

baixesa, tanta vileza, tanta degradação em nome da liberdade — de que essa fútrica chamada «Liberal» sabe apenas o nome (de que abusa), que não pode ter mão na penna.

Não creiam que estou de luto por escrever em papel com borda preta; é porque tenho aqui estas folhas assim, e aproveito-as.—De resto, bem se pode pôr luto vendo fenecer a Patria ás mãos de asneirões. Os nossos foram incapazes, mas foram patriotas e portugueses, como,

A. R. SARAIWA.

REVISTA ESTRANGEIRA

Hispânia.

As únicas notícias que podemos offerecer aos leitores são as que seguem, resenhadas pelo «C. da Tarde» da carta do seu correspondente habitual de Madrid:

Os carlistas perto d'um povo chamado Fonollosa tolheram o passo a uma das columnas em que Martinez Campos dividiu as suas forças e que era commandada por Sonia, com o unico intento de lhe causarem grandes perdas, o que de facto conseguiram, continuando, depois de bem escarmentadas as forças alfonsinas, cada um o seu caminho.

No Caminho de Berga, provincia de Barcelona, o general Castells surpreendeu o 2.º batalhão do regimento da America. Era tão compromettedora a posição do mencionado batalhão que se viu obrigado a pedir auxilio ao brigadeiro Mola, que, com effeito, acadiu, com a sua brigada, a socorrer os infelizes companheiros. Neste combate soffreu o exercito revolucionario grandes perdas, a avaliar pelo que diz a «Gaceta», pois que esta diz que teve um chefe e 6 soldados mortos e 4 officiaes e 31 soldados feridos. Foi uma bilhante victoria ganha pelo valoroso general Castells.

O nosso correspondente tambem dá conta da acção de Lumbier em que o general Reina bastante soffeu.

Continua com grande vigor o bombardeamento de Hernani, Guetaria e San Sebastião.

Corre como certo o desembarque de 14:000 armas vindas de Inglaterra para o exercito de D. Carlos.

—Mugaire, 22 de outubro.—O brilhante feito d'armas que na manhã de 22 do corrente fez cair em nosso poder a forte e importante posição de Santa Trinidad de Lumbier, demonstrou uma vez mais a bizarría dos nossos voluntarios e o seu irresistivel arrojo.

A parte official dirá até aonde chegou a preza que colheu ao inimigo em sua precipitada retirada e completa derrota; mas sabemos já, e com toda a certeza, que são bastantes as armas, muitas as cargas de munições e consideraveis os depositos de viveres que se tem recolhido, assim como nos consta já que tem marchado com direcção a Estella os prisioneros que caíram em nosso poder.

Effectuado o minucioso reconhecimento das linhas de Pamplona, que o general em chefe do estado maior general cobre com as forças navarras, empreendeu S. M. El-rei a marcha para Baztan, na tarde de hontem, acompanhado pelos generaes Argonz e Cavero e pelos brigadeiros Calderon e Arguelles, assim como por uma parte da segunda brigada de operações. Em todo o trajecto, desde Etulain até Mugaire, tem recebido S. M. ardentisimas provas de amor do seu povo e do entusiasmo que causa a sua pessoa. Em Otague, Arraiz, Ulzama e em Almanon homens e mulheres se precipitavam no meio dos cavallos para serem admittidos a beijar a real mão, e dos cimos das mais empinadas serras desciam os vivos e as acclamações dos honrados e leaes moradores d'aquelles escabrosos montes.

Tinha anoitecido já, quando S. M. chegou a Mugaire, hospedando-se no palacio de Bertiz, propriedade do marquez viuvo de Vesolla, aonde foi recebido pelos filhos da casa, snrs. marquezes de Vesolla e de las Hermozas, que ambos vestiam o glorioso uniforme dos chefes effectivos e em activo serviço no real exercito.

Muitos serão, sem duvida, os commentarios a que dará lugar a passagem de S. M. por Baztan, e talvez a estas horas esteja já reforçada a guarnição dos pontos da fronteira franceza que confinam com este val, por ter sido mais uma vez

aviso o governo da visinha republica de que os carlistas fugiam para França, e se requeriam forças para desarmal-os e internal-os. Se é assim, será um desengano mais augmentado aos infinitos d'esta especie que já tem soffrido, sem que se envergonhe o nosso particular inimigo o snr. duque Decazes, que se nega em reconhecer em nós a evidencia, e crê de olhos fechados todas as mentiras que servem de Madrid os seus appetites carlistophobos.

A vinda de S. M. a Baztan e linha da fronteira não é mais do que a continuação do reconhecimento militar que o rei empreendeu desde a sua saída de Estella e os movimentos do inimigo pela costa de Guipuzcoa explicam de sobre a coincidência da chegada de S. M. a esta linha, com o vae-vem de vapores entre Santander e San Sebastiam, maxime quando se murmura que talvez poderia presenciar-se por aqui uma violação do territorio francez pelas tropas alfonsinas, em cujo caso não poderia deixar de originar-se um conflicto internacional que S. M. quer evitar ou dirigir em harmonia ás leis imprescriptiveis do direito das gentes que o governo de Madrid espeziuha sem poder, aproveitando a fraqueza ou a coeivencia do governo de Versailles.

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA.

Direcção geral dos negocios ecclesiasticos

1.ª Repartição

Em virtude de resolução superior se declara aberto concurso, na conformidade do artigo 13.º do decreto de 2 de janeiro de 1862 (publicado no *Diario de Lisboa* n.º 4 do dito anno), para provimento das egrejas parochiaes constantes da relação seguinte:

Azurara (Santa Maria), concelho de Villa do Conde, diocese do Porto.

Figueira (S. João Baptista), concelho de Lamego, diocese Lamego.

Macieira (S. Salvador), concelho de Villa do Conde, diocese do Porto.

Pendilhe (Nossa Senhora da Assumpção), concelho de Fragoas, diocese de Lamego.

Possacos (Nossa Senhora das Neves), concelho de Valle Passos, diocese de Braga.

Sitimos (Santa Catharina), concelho de Alcaçer do Sal, diocese de Evora.

Santo Thyrso (Santa Maria Magdalena), concelho de Santo Thyrso, diocese do Porto.

Torre do Tarranha (Nossa Senhora do Pranto), concelho de Trancoso, diocese de Pinhel.

Villar de Perdizes (Santo André), concelho de Montalegre, diocese de Braga.

Os presbyteros que pertenderem ser apresentados em qualquer das referidas egrejas parochiaes farão subir por esta secretaria d'estado os seus requerimentos documentados, em conformidade com o que se determina no artigo 15.º do do sobre-dito decreto de 2 de janeiro, dentro do prazo de trinta dias, contados da publicação do presente annuncio na folha official do governo, devendo requerer separadamente para cada uma das egrejas que pertenderem, e ficando na intelligencia de que os requerimentos em que pedirem mais de uma igreja só valerão para o concurso d'aquella pela qual claramente mostrarem preferencia, ou, não a mostrando, para o concurso da primeira que mencionarem.

Secretaria d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justica, direcção geral dos negocios ecclesiasticos, em 30 de outubro de 1875.—Luiz de Freitas Branco.

GAZETILHA



ASSOCIAÇÃO CATHOLICA

São prevenidos os senhores socios e as senhoras associadas da Associação Catholica, que, na conformidade do artigo 40 do estatuto, terá lugar na egre-

ja de N. Senhora do Carmo, na sexta-feira 5 do corrente, pelas 7 horas da manhã, uma missa pelo descanso eterno dos socios fallecidos.

São igualmente prevenidos de que n'esse dia a todos os socios e associadas, que verdadeiramente arrependidos, confessados, para cujo fim haverá confessores na referida igreja de N. Senhora do Carmo, e fortalezadas com a Sagrada Communhão visitarem esta mesma igreja, desde o romper do sol, e orem pela concordia dos principes christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Igreja, concede Sua Santidade indulgencia plenaria e remissão de seus peccados que se podem applicar em forma de suffragio por alma dos fleis christãos que em graça de Deus houvessem fallecido da vida presente.

A Juncta Directora da Associação Catholica convida todos os seus socios e associadas a concorrerem á referida missa, dita por alma dos socios finados, e outrosim a prepararem-se conveniente com os sacramentos e orações para aproveitarem as graças espirituaes que o Summo Pontifice lhes concedeu.

Publicação recommendavel.—O illustre auctor da magnifica obra *Tres Mundos*, D. Antonio da Costa, brindou-nos com um exemplar da segunda edição do seu livro *O Christianismo e o progresso*.

Todas as produções do snr. D. Antonio da Costa, merecem ser lidas, não só pela magia do seu estilo, como pelos profundos conhecimentos que n'ella se revelam.

Agradecemos a offerta, e recomendamos ao leitor amante da sã litteratura a obra do snr. D. Antonio da Costa, que justamente merece um lugar d'honra na estante dos eruditos, como na dos menos instruidos.

Donativo.—O ill.º snr. João dos Santos Minho, d'esta cidade, mandou dar 25 lençoes de linho ao Asilo dos entevados de S. José.

Ações d'esta ordem dispensam os nossos descórdios encomios, e só de Deus terão a merecida recompensa.

Dia de fleis defunctos.—Foi grande a concorrência de pessoas que na tarde do dia 1 e em todo o dia 2 do corrente, affloiram ao cemiterio publico.

Quasi todas as campas se achavam adornadas com flores, armações e objectos simbolicos.

Na tarde do dia 1 a Irmandade da Misericordia percorreu processionalmente as ruas do cemiterio, sendo seguida de grande numero de fleis.

Charadas.—Tem-nos sido enviadas, para lhes darmos publicidade, algumas charadas, cujos auctores não podem deixar de pertencer á «troupe» dos *Rouques*.

Perdem o tempo e o feitio.

Se nos fosse possível segredar aavez dos tipos, diriamos aos fabricadores de roçadas qual o papelito que deveriam escolher para o encaixamento das sobreditas.

Fique dicto d'uma vez para sempre: este jornal não é repositorio de criancices.

Visitas.—S. exc.ª red.ª o snr. arcebispo coadjutor foi no sabbado, por 10 horas da manhã, visitar a bibliotheca publica d'esta cidade, onde se demorou a examinar varios manuscritos e livros raros alli existentes.

O mesmo ex.º e red.º snr. visitou depois o Hospital de S. Marcos. O venerando visitante era esperado á porta do templo pelos snrs. provedores do Hospital e da Misericordia, Mesa, capellão-mór, etc. Depois de ter orado ao SS. Sacramento, percorreu todas as enfermarias do hospital, e mostrou-se muito satisfeito pela boa ordem e acção que alli encontrou.

S. exc.ª deixou para aquelle humanitario estabelecimento a esmola de 45:000 reis.

Desgraça.—Um dos operarios que no sabbado passado andava trabalhando nas vallas, que andam a abrir-se na Praça Municipal para a feitura d'um cano d'esgoto, ficou muito malferido n'uma perna, em consequencia de sobre ella resvallar uma pedra d'uma das margens. Foi inconscientemente recolhido ao hospital de S. Marcos.

Fajardice.—Durante a ausencia d'um

individuo, que na feira d'ante-hontem estava a vender milho, no lugar proprio, um outro, inoculando-se dono do milho, que montava a 28 rasas, vendeu-o ao primeiro pretendente por 13:500 reis.

Na occasião, porém, em que o comprador se dispunha a confusir a compra, apparece o verdadeiro dono, e, depois de provar com testemunhas que o milho era propriedade sua, deixou aquelle a olhar para o signal, e com a bolsa alliviada do peso de 13:500.

Muito bem. Agora pergunta a nossa pequenina curiosidade: como é provavel que o dono do milho abandonasse a sua fazenda, sem que a confiasse, durante a sua ausencia, ao cuidado d'alguns dos vendedores proximos, e se demorasse só o tempo necessario á medição e venda do milho, a ponto de apparecer justamente quando aquella se tinha effectuado?

Além d'isso, como é possível que o individuo que vendeu o milho adivinhasse que elle não era vigiado, e calculasse tão bem que a ausencia do legitimo dono lhe permitiria todo o moroso processo do ajuste e medição das 28 rasas, vendidas em pleno dia, e aos olhos de todos?

Francamente, não ativamos.

Assembleias eleitoraes.—As assembleias eleitoraes onde, no proximo domingo, tem de proceder-se á eleição da camara municipal d'este concelho, para o biennio de 1876-78, são as seguintes: 1.ª, Paços do concelho; 2.ª, Adaufe; 3.ª, Figueiredo; 4.ª, Igreja do Bom Jesus; 5.ª, Villaça; 6.ª, S. Jeronymo de Real.

Festividade nos Remedios.—Foi brilhantissima a festividade, que no domingo se fez, no templo dos Remedios, a expensas do ill.º snr. João Rebello da Silva Braga.

Em rasão do mau tempo que fez no sabbado, ficou o arraial transferido para a noite de domingo. Foi concorridissimo, e tanto o fogo do ar, como o preo eram mui vistosos.

No frontespicio do templo e na estrada rua que corta o campo dos Remedios, havia uma iluminação brilhante e de bello effeito. Tocaram alternadamente duas bandas de musica.

Triste anniversario.—No dia 16 do mez findo foi o 82.º anniversario da execução de Maria Antonieta, a desventurada esposa do rei Luiz XVI, de França. Por esse motivo celebrou-se em Paris uma missa, na capella expiatoria do boulevard Haussman. Assistiram ao officio divino o marquez de Dreux Bresé, em representação do conde de Chambord, a rainha Isabel e suas tres filhas, o ministro da marinha e muitas outras pessoas notaveis do partido legitimista. Não esteve presente nenhum dos principes de Orleans.

Noticias do campo.—Dizem de Valença:

Tem continuado a chuva; mas chuva abundante, serena e farta, e tanto que já o rio Minho começa a invadir as veigas, e á hora em que escrevemos, uma rega mais copiosa ainda vae fertilizando os campos.

Já os prados verdejam, as hortas reverdecem e a vegetação em geral começa a ostentar novo viço e vigor, e as nascentes como que a reviver da sua esterilidade e secura.

Já porém o lavrador está com a esperanza no sol do outono para concluir o recolhimento de alguns milhos serodios, temendo já o prejuizo d'estes, se a quadra continuar chuvosa.

Sempre esperanças e receios cercam o homem do campo.

O tempo.—Lê-se no «Campeão das Provincias»:

Pensem-se seriamente n'este disparate tão profundo e tão verdadeiro:

Hoje é um dia que só amanhã poderemos ver claramente.

Por isso, á luz que projectam sobre o nosso espirito os ultimos instantes da existencia é que se vêem com claridade, com tão cruel exactidão todas as escuridades da vida.

Por outra,—só quando a morte lhe começa a nublar os olhos é que o homem vê bem o que fez durante os annos da sua existencia.

Veja-se como a pouco e pouco vamos adquirindo o conhecimento de nós mesmos.

O homem não sabe que foi menino senão quando chega aos quinze annos.

Emquanto não completa quarenta, mal sabe que foi joven.

Até que o peso da idade o acurve para a terra, como se o obrigasse a ter o olhar fixo na sepultura aberta a seus pés para

o recolher, elle não saberá que ha já vinte annos que é velho.

O tempo tudo descobre. Esse indifferente a tudo, cuja unica occupação é passar, é o que tudo sabe. O tempo é o que descobre as telas mais artificiosamente trabalhadas.

Não sei para onde diabo vae, que não quer nunca ir carregado com o peso d'um segredo

Quantas historias, ignoradas hoje, sabemos amanhã.

Ha n'isto um respeitavel sentimento de humanidade.

As disseccções só se fazem nos cadaveres.

Não ha cirurgião que se atreva a levar a ponta fria do seu escalpello ás entranhas de um homem vivo, para ver n'ellas a causa da enfermidade que quer combater.

A vida inspira tão profundo respeito que não se póde abrir para que nos revele os mysterios da doença.

E o tempo havia de ser mais cruel que um medico?

Havia de entreter-se em dissecar os successos, antes de serem cadaveres?

Seria verdadeiramente um assassinato. Não temos direito a exigir-lhe que commetta um crime, para satisfazer a nossa curiosidade.

Que bem feitas estão todas as cousas para o fim a que foram destinadas!

Vejam como se refugiam no inviolavel recinto da vida as mais terriveis enfermidades.

Vejam como se apoderam d'um homem, como se encerram nas entranhas, e como d'alli, arrogantes pela inviolabilidade do asylo que escolheram, desaliam o medico e zombam da medicina.

Não ha especifico que chegue onde ellas estão, não ha instrumento que consiga ferilas, porque tem como muralha a vida do enfermo.

Assim devoram as entranhas, assim chopam o sangue, assim paralysam os musculos e gelam o coração; fogem depois, levando o ultimo suspiro da victima, deixando ás averiguações da sciencia o mudo espectaculo d'um cadaver

Aqui entra perfeitamente o escalpello, penetra nos mysteriosos logares por onde passou a morte, a sciencia toma nota dos estragos que se apresentam a seus olhos e muito satisfeita escreve a historia da enfermidade.

O morto porém não resuscita.

O cadaver cae á terra.

Os successos vivos não se podem dissecar.

Não é possivel abri-los para que a luz entre a mostrar-nos as causas que os põe em movimento e agitação.

A'manhã quando o cadaver de tudo quanto passa hoje estiver na mesa das disseccções, então veremos com perfeita claridade as escuridades que nos rodeiam.

Então, nas entranhas já frias do cadaver, encontraremos a exposição clara d'esse confuso quadro de symptomas que hoje temos deante dos olhos.

Então comprehendemos a acção mysteriosa e deleterea dos humores que se infiltraram no sangue.

Veremos corrompido o coração, apodrecida a cabeça, envenenadas as entranhas.

E só o tempo póde fazer este terrivel descobrimento!

O tempo! essa coisa impalpavel que se nos escapa por todas as partes, que é tão alegre na primavera, tão tempestuoso no verão, tão triste no outono, tão frio no inverno.

O tempo, que é a nossa vida e tambem o nosso castigo, o nosso cumplice e o nosso juiz.

O tempo que passa rapidamente pela superficie da terra, contendo as sementes que esperam a sua voz para romperem as ligaduras que as conteem e levantar sobre milhares de caprichosas collinas novas gerações.

E' elle que minuto a minuto recolhe os fructos que se escondem entre as folhas apinhadas das arvores, como o menino envergonhado esconde a fresca e rosada cara no regaço da mãe.

Elle que, uma a uma, desfolha as flores, despe as arvores, converte a agua em pedra, quebra rochedos, destroe os povos e acaba com as gerações.

Elle que é o desespero de todas as mulheres que vão completar quarenta annos; a esperanza das que chegam aos quinze; o aborrecimento dos folgasões; o carrasco dos que trabalham.

O tempo é que descobre as brancas, que assignala o sitio onde devem apparecer as rugas, e encarregar-se-ha áma-

nha de nos mostrar o que é o dia de hoje.

Deixemol-o passar, porque temos a certeza de que não levará consigo nenhum segredo.

Isto é o tempo em geral; ora o tempo presente em particular deve ser um tempo muito abreviado.

Veja-se esse labutar continuado, esse moirer sem treguas, esse afan incessante com que as duas terças partes da humanidade trabalham para deitar o dia fora

Os que vivem com mais desafogo, é porque encontraram o segredo de viver na immensidade do tempo passado, nos espaços sem limites do tempo futuro.

Ora estes dois segredos tem dois nomes, a saber: o credito e os cosmeticos.

DECLARAÇÃO

Tendo-se alguns dos meus amigos lembrado da minha humilde pessoa para fazer parte da futura camara municipal, cuja eleição deverá ter logar na proximo domingo, e sabendo que alguns individuos, que me affeccionam bem pouco, prepalam que eu pretendi impor o meu nome; declaro áquelles que, embora me conhecesse muito nobilitado com a realisacção dos seus desejos, não accetto, nem posso accetar essa honra: aos ultimos direi que estou um pouco afastado para que me firam os seus dardos herdados.

Braga 1 de novembro de 1875.

Antonio José Pereira.

OUTRA

O snr. Manoel Marques da Silva Pereira, declara que não pertence ser camarista.

AGRADECIMENTOS

O padre Antonio Luiz Alves Caldas, residente em Braga, summamente penhorado para com todos os ill.^{mos} e revd.^{mos} snrs. parochos, presbyteros e clerigos, que no dia 15 d'outubro do corrente anno de 1875, assistiram ao officio de corpo presente de seu muito presado irmão Francisco Manoel Alves Caldas, de S. Pedro de Riba de Mouro, e para os que se encarregaram de dizer missa por sua alma, e bem assim para com os ill.^{mos} snrs. do corpo da musica, tudo gratuitamente, e da mesma forma para com todos os ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs. que honraram com a sua assistencia aquelle acto funebre, e a acompanharam seu corpo até á sepultura, tributa os mais sinceros protestos de eterno reconhecimento e gratidão. (2768)

ANNUNCIOS

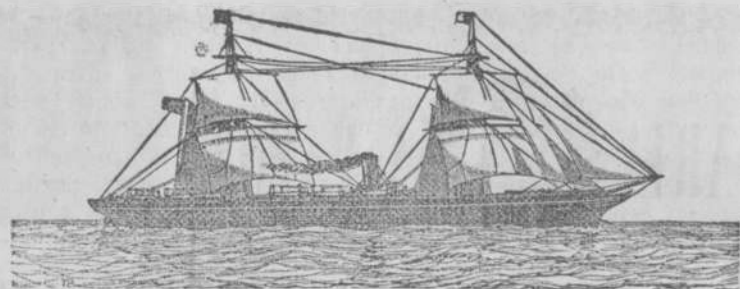
EDITOS DE 10 DIAS

Pelo juizo de direito d'esta comarca de Braga, e cartorio do escrivão Freitas, correm editos pelo prazo de 10 dias a contar desde 28 do mez de outubro em diante, a chamar e citar todos os credores incertos para comparecerem com suas preferencias sobre a quantia de 500.000 rs. penhorada na mão de D. Francisco de Noronha Menezes, da cidade do Porto, pertencente a seu irmão D. Antonio de Noronha Menezes, da dita cidade, parte da legitima paterna e materna que ao mesmo pertencem no inventario de seus fallecidos paes; para pagamento da execução que ao dito D. Antonio de Noronha Menezes, promove Bernardo da Cunha Pinto Barbosa, d'esta mesma; com a pena de que não comparecendo, se passar mandado de levantamento a favor do dito executante pelo importe de sua execução tudo na conformidade do art. 611 da Nov. Reforma Judiciaria. (2773)

NOVO ESTABELECIMENTO

Joaquim Leal, participa ao respeitavel publico e particularmente aos seus amigos que acaba d'abrir o seu estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, na rua do Souto, n.º 39.

Abster-se-ha de vender nos domingos e dias santificados. (2754)



COMPANHIA REAL INGLEZA

DE

PAQUETES A VAPOR CARREIRA QUINZENAL

Paquetes a sair de Lisboa:

MONDEGO . . . 29 de Outubro	NEVA . . . 13 de Dezembro
ELBE . . . 13 de Novembro	GUADIANA . . . 29 de "
MINHO . . . 29 de "	DOURO . . . 13 de Janeiro

O paquete de 13 toca em S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos-Ayres.

O paquete de 29 toca em S. Vicente, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos-Ayres.

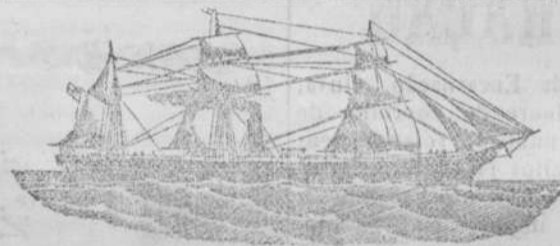
Os preços são muito razoaveis

Esta companhia para maior vantagem, resolveu ter a bordo de todos os seus vapores, criados e cosinheiros portuguezes para servirem os passageiros de todas as classes, cujo tratamento se torna hoje o melhor possivel. Cada passageiro de 3.^a classe tem gratis, belixe com colchão e roupa de cama, vinho e comida á portugueza, tudo em abundancia. O transporte do caminho de ferro até Lisboa é por conta da companhia bem como outras despesas.

Para mais esclarecimentos prestam-se em casa do agente n'esta cidade, rua do Souto n.º 43. — Em Braga.

João Manoel da Silva Guimarães. (V*)

Carreira
semanal



A's quartas
feiras

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos-Ayres, Valparaíso, Arica, Islay e Callao

CARREIRA QUINZENAL PARA PERNAMBUCO E BAHIA

A Companhia reduziu o preços, conservando as mesmas vantagens como até aqui tem offerecido aos snrs. passageiros: excellentes commodos, bom tratamento, bastante espaço para bagagens e viagens rapidas, pois que os Paquetes do Pacifico tem gasto sómente 13 dias de Lisboa ao Rio de Janeiro.

Preços das passagens incluindo o caminho de ferro do Porto para Lisboa

	3. ^a CLASSE	2. ^a CAMARA	1. ^a CAMARA
Pernambuco	40\$000	81\$000	108\$000
Bahia	40\$000	90\$000	117\$000
Rio de Janeiro	45\$000	90\$000	121\$500
Montevideo e Buenos-Ayres.	54\$000	90\$000	157\$500
Valparaíso, Arica, Islay e Callao	126\$000	189\$000	308\$500

Crianças dos passageiros

Até aos 12 annos meia passagem. Até aos 8 annos a quarta parte. Até aos 3 annos gratis, uma só de cada familia.

Todas as terças feiras sahirá de Lisboa um paquete, os passageiros de 3.^a classe tem belixe com colchão e roupa, comida á portugueza em abundancia e vinho duas vezes por dia

AGENTES EM BRAGA—Almeida & Pereria.

Trata a passagem a pagar á vista e a prazo com fiança. (K*)

AVISO

Banco agricola e industrial da
Extremadura

São convidados os snrs. accionistas d'este Banco a fazerem a 4.^a entrada de 20 por cento, ou 10\$000 reis por acção desde o dia 2 a 6 de novembro proximo.

Porto, séde do Banco, Praça de Carlos Alberto n.º 92.

Lisboa, rua dos Bacalhoiros—51—casa de David Gonçalves Chaves.

Braga, casa de João Baptista Lopes.

Ao senhores accionistas que quizerem fazer nos referidos dias a 5.^a e ultima entrada de 20 por cento ou 10\$000 reis por acção, lhes será nesse acto abonado um por cento do juros pelo adiantamento do pagamento d'esta ultima entrada.

Em conformidade com o art. 36 § unico dos estatutos d'este Banco, previnendo os snrs. accionistas que não fizerem a entrada dentro do prazo marcado, que te-

rão a pagar mais um por cento, por me pela demora da entrada ou entradas em falta.

Porto 14 d'outubro de 1875.

Os directores,

Eduardo Lyon

Felix Placido Sande

Eduardo Ribeiro Mendes.

(2749)

ALUGA-SE

Um piano forte. Para tratar, no campo de D. Luiz I, n.º 1 (entrada da rua dos Capellistas.) (2734)

Fava especial da ilha de S. Miguel

Este legume, geralmente usado para penso de gado cavallar, mular e mesmo bovino, é de uma optima nutrição.

Grande deposito a preços razoaveis; Cima do Muro (dos bacalhoiros) n.º 77, Porto. (2748)

SABOARIA A VAPOR



**NA QUINTA DE RORIZ
PORTO**

JOSE' I. FERBEIRA RORIZ

FORNECEDOR DA CASA REAL

DEPOSITO CENTRAL, RUA DAS FLORES, 35 37 E 39

O proprietario annuncia aos seus freguezes, e ao publico, que em todo o sabão fabricado na sua fabrica, e que na mesma se vender, ou no **Deposito Central**, se fará o desconto de 6 por cento sobre os preços estabelecidos, de uma caixa para cima. Satisfaz-se com promptidão qualquer pedido que seja feito do dito genero, tanto d'esta cidade como das provincias e se garante a sua boa qualidade.

RORIZ

PORTO

1,3-RUA DAS FLORES- 1,3

(JUNTO A EGREJA DA MISERICORDIA)

COMPRA E VENDE

Inscrições de assentamento

Ditas de coupons

Ditas de divida externa

Titulos hispanhoes internos

Ditos externos

Coupons dos ditos já vencidos.

Sacca, toma letras e dá cartas de credito sobre Lisboa e diversas praças estrangeiras, e se encarrega de compra e venda de titulos de divida publica nas mesmas praças.

PRIMEIRA E ANTIGA **RORIZ** CASA FELIZ
PORTO

1 - RUA DAS FLORES - 3
(JUNTA A EGREJA DA MISERICORDIA)

SORTE GRANDE REIS 5.000\$000

Loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

Extracção a 9 de Novembro

JOSÉ IGNACIO FERREIRA RORIZ

AFIANÇADO NO GOVERNO CIVIL DO PORTO, NA CONFORMIDADE DO EDITAL DE 28 DE JULHO DE 1860

Tem á venda no seu estabelecimento bilhetes inteiros a 5\$000 rs. - Meios ditos, a 2\$600 - Quartos, a 1\$300 - Oitavos, a 680 - Cautellas de 500, 250 e 130 rs.

O mesmo satisfaz com promptidão todas e quaesquer encomendas que lhe sejam feitas das provincias, ainda que sejam em grande quantidade, e vindo acompanhadas do seu importe em vales dos correio; e no fim da extracção remette a lista dos premios aos seus freguezes, mas quando a não recebam em tempo competente terão a bondade de a requisitar. (Y*)

DECLARAÇÃO

Maria Nogueira da Encarnação, viuva, da freguezia de Moure do concelho de Villa Verde, declara publica e solemnemente para todos os efeitos presentes e futuros, que desde hoje em diante fica sem effeito e de nenhuma importancia, as procurações que passou a seu genro João Pedro d'Oliveira Pimentel, da mesma freguezia, ficando por consequencia nullus todos os contratos effectuados ou que se possam effectuar.

Moure, 2 de novembro de 1875. (2774)

LECCIONAMENTO

José Rodrigues da Cunha Junior, prompifica-se a leccionar francez por 600 reis mensaes, desde o dia 8 do corrente em diante, na rua Nova de Sousa n.º 50. (2775)

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Previnem-se os poucos snrs. accionistas d'este Banco, possuidores d'acções com o desembolso apenas da ratificação de que lhe serão cassadas, não tendo entrado com a importancia da primeira prestação e juros respectivos até ao dia 15 de novembro proximo, em conformidade com as disposições do artigo 17 e seus §§ dos Estatutos, pela execução do qual a Direcção é a unica e immediatamente responsavel para o Banco, como mandaria d'este; e que portanto fará cumprir na sua integridade.

Pode-se effectuar o referido pagamento nos seguintes locaes.

Em Braga, no edificio do Banco, rua Nova de Sousa n.º 19. No Porto, na Agencia, praça de D. Pedro n.º 22.

Braga e Banco Mercantil 26 d'oubro 1875.

Pelo Banco Mercantil de Braga

Os directores

(2766) José Joaquim Lopes Cardoso
João da Costa Palmeira
(138) José Antonio Rebello da Silva.

Rua do Campo, n.º 22 - Braga

Alugam-se os áltos da casa n.º 22, que tem commodos para numerosa familia. Trata-se na mesma de seu aluguel e póde ver-se a toda a hora do dia. (2626)

João Manoel da Silva Guimarães.—Rua do Souto n.º 43.

Compra e vende Acções de todos os Bancos e Companhias, Inscrições de Assentamento e coupons. (X*)

MOURA
BRAGA
RUA DE S. MARCOS, N.º 5.
Vende cimento romano para vender aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (2584)

MOURA
BRAGA
RUA DE S. MARCOS, N.º 5.
Vende oleo, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

MOURA
BRAGA
RUA DE S. MARCOS, N.º 5.
Vende papeis pintados para guardar salias, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

CATACUMBAS

Tendo a Mesa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, deliberado principiar a demolição das catacumbas existentes no cemiterio dos Despresos no dia 29 do proximo mez de novembro, convida por isso de novamente os parentes ou amigos dos finados, que foram temporariamente depositados nas mesmas, para virem, querendo, até esse dia tomar conta das respectivas ossadas.

Braga 23 d'outubro de 1875.

(2767) O provedor
(139) Manoel Justino Marques Murta.

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense.

A direcção d'esta companhia faz publico que em conformidade do disposto no artigo 3.º § 6.º do respectivo regulamento, abriu o seu escriptorio no campo de Sant'Anna n.º 71 D, 2.º andar aonde se dão consultas relativas a industria particular, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde nos dias não sanctificados.

Encarrega-se esta direcção de todos os trabalhos relativos a projectos construcções em geral, como irrigações, drenagens, architectura, levantamento de plantas, estradas, caminhos de ferro, construcção de rodas hydraulicas, e tudo quanto diz respeito a obras hydraulicas, machinas de vapor etc.

A direcção proporcionará garantias seguras, e preços mais commodos para a confecção dos respectivos projectos, direcção e execução de obras, apresentando a competente tabella de preços, ou fazendo os ajustes mais modicos e compatíveis com os fins a que se propõe.

Os directores

Fernando Castiço.
José Alves de Moura.
Francisco da Silva Araujo.

(2747)

J. M. PINHEIRO
CIRURGIÃO DENTISTA
ESCOLA AMERICANA

Extrai, cura e conserta os dentes cariados, colloca dentes artificiaes com perfeição. Presta-se a chamados fóra da cidade. Consultorio, Campo de Sant'Anna n.º 1, das 8 da manhã ás 5 da tarde (2723)

ANTONIO ALVES DOS SANTOS COSTA
DA RUA DA SÉ
TEM PARA VENDER
EUCALYPTUS GLOBULUS (2760)

A QUEM CONVENHA

Vende-se os bens de Louredo, e contrata-se com o padre Estevão Gomes Cardoso da freguezia d'Avella.

CASAL

Vende-se na Povia de Lanhoso e logar d'Arrifana o casal denominado d'«Alem» com todas as suas pertencas, livre de fóro ou penção. Dirigir-se ao proprietario ali, ou nos Chãos de Baixo, n.º 6. (2759)

ALUGA-SE

Uma casa feita de novo, sita na rua das Agoas, n.º 91. Trata-se na rua dos Chãos n.º 13. Póde ver-se das 10 horas da manhã, até á 1 da tarde. (2694)

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membro do clero e magistrados, todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra). (T*)